

## **O livro didático na Educação de Jovens e Adultos entre dois olhares: o discente e o docente.**

Ana Maria de Queiroz

Secretaria de Educação de Olinda/PE - anamariaqueiroz@ymail.com

### **Resumo**

O presente texto tem o propósito de apresentar a concepção dos sujeitos professor e aluno sobre o livro didático na EJA no cotidiano escolar. Para tanto se discutiu o livro didático e seu papel no cenário educacional brasileiro a partir da perspectiva ideológica e sócio-política. Nesse incurso buscou-se o aporte nos estudos de alguns teóricos, dentre os quais, destacaram-se Apple (1995, 2006), Freitag (1989) e Marx e Engels (1989). Com o estudo realizado, verificou-se que na concepção de professores e alunos, o livro didático caracteriza-se como um instrumento de ensino indispensável para o processo de ensino e aprendizagem. Através dessa visão emerge um discurso ideológico que os leva a conceber o livro didático de modo não crítico e bastante distanciados da realidade que se apresenta.

Palavras Chaves: Livro didático, professor, aluno.

### **Introdução**

O presente artigo é o resultado de uma dissertação de mestrado intitulada “LIVRO DIDÁTICO NA EJA: CONCEPÇÕES DE PROFESSORES E ALUNOS NO COTIDIANO ESCOLAR”, apresentada na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

As questões a serem apresentadas nesse artigo intentam suscitar uma discussão sobre a importância de se compreender as concepções ideológicas dos sujeitos professor e aluno sobre o livro didático. Tal compreensão pode possibilitar um novo olhar sobre livro didático que deve ser tomado como um instrumento didático dentre tantos outros para o processo de ensino e aprendizagem.

No contexto da sala de aula, essencialmente nas práticas de ensino-aprendizagem, o professor dispõe de uma série de recursos didáticos, dentre eles, e com maior intensidade, o livro didático (LD). Esse recurso tem sido tomado por docentes e educandos como referencial de qualidade que carrega em si uma “veracidade absoluta” e uma “completude” de pensamento pedagógico. Interessa saber que concepções enunciam esses sujeitos quando indagados a respeito desse recurso didático; que “verdades” são latentes a partir das concepções desses sujeitos sobre o LD. Sempre se faz necessário repensar a prática, a proposta didática, o livro didático.

O artigo está estruturado em quatro blocos: livro didático da EJA: ações e reações; ideologia e livro didático: um diálogo emergente; caracterização do livro didático: concepções de alunos e ideologia percebida pelo professores acerca do livro didático. Os blocos são compostos de temas que se relacionam entre si, de modo a servir como referência, fonte de consulta e objeto de reflexão de um determinado debate sobre a temática em questão.

No primeiro bloco, propõe-se sistematizar a reflexão sobre o livro didático e sua repercussão no processo de ensino e aprendizagem no Brasil. Posteriormente, no segundo bloco, busca-se demarcar as ações e reações do livro no contexto educacional e sua relação com a temática ideologia, a partir de sua função sociopolítica na sociedade. No terceiro e no quarto blocos. Apresentam-se as concepções dos sujeitos aluno e professor sobre o livro didático, discutem-se os dados recolhidos através de questionário e entrevista semi-estruturada com a base teórica que fundamenta o texto.

Vislumbrar o livro didático como um instrumento complexo que se faz presente nas salas de aula como veículo de disseminação de conhecimentos, exige permanente reflexão sobre o seu papel no processo de ensino e aprendizagem, essencialmente, quando se busca uma prática pedagógica crítica e reconstrutora de paradigmas.

## **1. Livro didático da EJA: ações e reações**

O LD alcança um espaço importante na tradição escolar brasileira, pois se trata de um instrumento didático garantido e difundido gratuitamente nas escolas públicas do país, como resultado das várias ações governamentais ao longo de seu percurso histórico (BRASIL, 2002).

Na vertente das diferentes disposições político-ideológicas acerca do LD, os docentes, em maior parte, sinalizam que o livro didático exerce um papel importante no processo ensino aprendizagem nas escolas brasileiras, sobretudo nas escolas da rede pública de ensino (LAJOLO, 1996). Com ênfase nos papéis que o LD exerce no processo educativo, o pesquisador Choppin (2004) sugere que os livros escolares são objetos utilitários, determinados para nortear o ensino de uma disciplina, a partir da exibição geral dos conteúdos, dispostos em unidades ou lições que propiciam o seu uso coletivo ou individual. Na concepção de Lajolo (1996, p.4)

didático, então, é o livro que vai ser utilizado em aulas e cursos, que provavelmente foi escrito, editado, vendido e comprado, tendo em vista essa utilização escolar e sistemática. Sua importância aumenta ainda mais em países como o Brasil, onde uma precaríssima situação educacional faz com que ele acabe determinando conteúdos e condicionando estratégias de ensino, marcando, pois, de forma decisiva, o *que se ensina e como se ensina* o que se ensina.

No cenário brasileiro, esta vertente argumentativa encontra respaldo em Molina (MOLINA, 1987, p.18) quando afirma que

O livro didático adquire especial importância quando se atenta para o fato de que ele pode ser, muitas vezes, o único livro com o qual a criança tem contacto. Considerando o fato de que, ao deixar a escola, pode ocorrer que jamais retornem a pegar em livros, percebe-se que, para muitos cidadãos, o livro didático termina por ser “o” livro

Outra perspectiva de enfoque dessa questão é apontada por Lajolo (1996, p.4).

Como sugere o adjetivo *didático*, que qualifica e define um certo tipo de obra, o livro didático é instrumento específico e importantíssimo de ensino e de aprendizagem formal. Muito embora não seja o único material de que professores e alunos vão valer-se no processo de ensino e aprendizagem, ele pode ser decisivo para a qualidade do aprendizado resultante das atividades escolares

Apesar da relevância atribuída ao LD, verificam-se diversas críticas em relação a sua presença no panorama escolar e da qualidade do ensino brasileiro.

Defensores e críticos, políticos e cientistas, professores e alunos são, no momento, unânimes em relação ao livro didático: ele deixa muito a desejar, mas é indispensável na sala de aula. Se com o livro didático o ensino no Brasil é sofrível, sem ele será incontestavelmente pior. Poderíamos ir mais longe, afirmando que sem ele o ensino brasileiro desmoronaria. Tudo se calca no livro didático. Ele estabelece o roteiro de trabalhos para o ano letivo, dosa as atividades de cada professor no dia-a-dia da sala de aula e ocupa os alunos por horas a fio em classe e em casa (fazendo seus deveres) (FREITAG, 1989).

Nessa direção, Molina (1987), afirma que vários autores caracterizam o LD como “um mal necessário”. Embora sejam detectadas inúmeras contradições presentes no LD, não há como desconsiderar na visão dessa autora a sua relevância nas instituições escolares brasileiras. Ainda conforme a autora:

Livros didáticos que, muitas vezes, apresentam exercícios cujas respostas estão contidas nas próprias pistas fornecidas, ou que dependem de mera transcrição de palavras do texto para outro espaço, não devem produzir resultados interessantes no sentido de levar o aluno aprender. Por que são utilizados? Provavelmente não “consegue” errar os exercícios e esse resultado mascara a verdadeira situação. “Acertando” as respostas o aluno consegue chegar ao final do livro (e do ano letivo, provavelmente) aparentando um conhecimento que não tem e, o que talvez seja o resultado mais nefasto, sem ter desenvolvido as habilidades de que necessita para um estudo independente (MOLINA, 1987, p.33-34).

Tratando-se do LD para a EJA, no cenário educacional brasileiro, “a importância desse tipo de material é imperiosa, pois, além de atender a um grupo de baixo poder aquisitivo, normalmente os professores não têm nenhuma formação específica para trabalhar com esse alunado” (VÓVIO, 2001, p. 125).

Em virtude dessa importância e centralidade imputada ao LD no processo de ensino e aprendizagem, compete apresentar, através de Choppin, outro viés desse instrumento didático. Conforme esse autor, “les manuels scolaires ne sont pas seulement des outils pédagogiques: ce

sont aussi les produits de groupes sociaux que cherchent, à travers eux, à perpétuer leur identités, leur valeurs, leurs traditions, leurs cultures<sup>1</sup>” (CHOPPIN, 1993, p.5).

Os aspectos descritos caracterizam o LD não apenas como uma ferramenta pedagógica, mas também como um produto cultural, responsável pela transmissão de certa forma de cultura. Conforme Apple (1995, p.82):

São os livros didáticos que estabelecem grande parte das condições materiais para o ensino e a aprendizagem nas salas de aula de muitos países através do mundo e considerando que são destes livros que frequentemente definem qual é a cultura legítima a ser transmitida

Essas informações colaboram para a compreensão da multiplicidade do LD. Pode-se então verificar que o modelo da sociedade pelos LD's obedece a uma reconstrução que dependente de aspectos diversos, conforme período e localidade, e tem como propriedade comum apresentar “a sociedade mais do modo como aqueles que, em seu sentido geral, conceberam o livro didático como gostariam que ela fosse, do que como ela realmente é” (CHOPPIN, 2004, p.557). Vê-se, nessa relação sociedade e livro didático, um forte presença do fato ideológico na concepção e na elaboração do LD.

## **2. Ideologia e livro didático: um diálogo emergente**

O termo ideologia, conhecido por meio de seu uso no campo marxista, não tem Marx como seu autor. O vocábulo ideologia foi utilizado pela primeira vez por Destutt de Tracy (1754-1836), na publicação de sua obra *Eléments d'Idéologie* (Elementos de Ideologia), em 1801, para substituir a expressão “psicologia” (CERQUEIRA FILHO, 1988).

As obras de Marx e Engels explicitam, em diferentes passagens, desiguais versões do conceito de ideologia. Na obra *Ideologia Alemã*, foi apresentada a primeira sistematização do conceito ideologia, como um conjunto de ideias condenadas a desconhecer sua relação real com a realidade (MARX; ENGELS, 1989). Posteriormente, Marx e Engels buscaram aprofundar o conceito de ideologia a partir da prefação da obra *Uma contribuição à Crítica da Economia Política*, de 1958. Acenaram que a ideologia além de ser uma falsa visão da realidade, denota também o interesse da classe dominante articulando seus interesses. A partir dessa conjectura, a ideologia representa relações de classe, através de um formato ilusório, ou seja, adéqua o interesse da classe dominante de modo que se pareça com o interesse de toda a sociedade (MARX; ENGELS, 1996).

---

<sup>1</sup>Os livros didáticos não são apenas instrumentos pedagógicos: são também produtos de grupos sociais que procuram, por intermédio deles, perpetuar suas identidades, seus valores, suas tradições, suas culturas.

No campo marxista, a ideologia é apreendida como conjunto de ideias que falseiam a realidade por parte da classe dominante. Tendo como objetivo a defesa de seus próprios interesses, tornando-se uma espécie de ilusões coletivas (CHAUI, 2003).

Na perspectiva de Meszários (2004, p. 65)

As ideologias conflitantes de qualquer período histórico constituem a consciência prática necessária em termos da qual as principais classes da sociedade se interrelacionam e até se confrontam, de modo mais, ou menos aberto, articulando sua visão da ordem social correta e apropriada como um todo abrangente

Enquanto mão invisível que constitui “verdades” e práticas sócias, a ideologia se faz presente em todos os campos sociais, inclua-se aí o campo educacional. Sobre essa questão, Apple (2006, p. 47) afirma

Na verdade, se tivéssemos de apontar uma das áreas mais negligenciadas pela intelectualidade educacional, esta seria exatamente o estudo crítico da relação entre as ideologias e a prática educacional, o estudo das hipóteses do senso comum que orientam nossa área já tecnicamente dominada. Essa atitude crítica desnudaria os interesses e compromissos políticos, sociais, éticos e econômicos aceitos sem maior questionamento, ou seja, aceitos como se disséssemos “é assim que a vida é”, em nosso cotidiano como educadores (APPLE, 2006, p.47).

É possível ressaltar a partir dessas colocações a apreensão do autor a respeito da precisão de um estudo crítico acerca das ideologias presentes no cotidiano escolar que são imperceptíveis na maioria das vezes, e veiculam como verdades absolutas, legitimadas por interesses da classe dominante.

No panorama educativo, averigua-se que as pesquisas sobre ideologia e livros didáticos têm se tornado objeto de várias investigações. A obra de Marisa Bonazzi e Umberto Eco: “Mentiras que parecem verdades”, delatam a ideologia veiculada via livro didático, presente nos livros- textos italianos (ECO, 1980).

Na investigação de Faria<sup>2</sup> (1994), originalmente defendido como tese de Mestrado na Universidade de São Paulo, tendo como título Ideologia no livro didático, verificou-se que a incoerência realidade-discurso localizada no livro didático é característica da própria ideologia burguesa. Nesse sentido, Freitag (1989, p.134) complementa:

Se o livro didático, para que possa ser usado com qualidade e competência em sala de aula, remete ao professor e estes aos problemas do sistema educacional e político brasileiro, então o livro didático já deixou a muito tempo de ser uma questão pedagógica, como muitos querem fazer crer, transformando-se em questão política e

---

<sup>3</sup> Faria desenvolveu um estudo sobre o livro didático, em que, analisando 35 títulos de livros didáticos de 2ª à 4ª série do Ensino Fundamental, de várias disciplinas, verificou uma forte ideologia contida nessas obras em relação ao tema trabalho (FARIA, 1994).

social (

Para Bittencourt (2005) o livro didático precisa ser compreendido ideologicamente por se tratar de veículo que comporta um sistema de valores, ideologias, de uma cultura de determinada época e de uma determinada sociedade.

Nesse ponto de vista, a autora acrescenta que “o livro didático é também um depositário dos conteúdos escolares, suporte básico e sistematizador privilegiado dos conteúdos elencados pelas propostas curriculares” (BITTENCOURT, 1997, p.72). Conforme Althusser, a escola pode ser concebida como um dispositivo ideológico do Estado, que determina e difunde a ideologia predominante, sobretudo, através dos conteúdos (ALTHUSSER, 1970).

Faria (1994) corrobora com a ideia de Althusser quando denota que a escola transmite a ideologia dominante, como o lugar onde esta transmissão se dá planejada e sistematizada. A autora analisa que a escola fundamental apresenta peculiares distintas, pois é onde está introduzida a classe dos trabalhadores.

Nesse aspecto, a escola reúne e certifica a cultura e os saberes, tornando-os um capital a ser alcançado, ou não pelos alunos, numa relação lógica, a qual se transforma também em um conjunto importante de produção e distribuição de conhecimentos, configurados através de valores, regras e significações da vida social (APPLE, 1997). Essas questões são cruciais, pois confirmam que os conhecimentos transitados e consolidados na escola fazem parte de um universo amplo que também é refletido nas relações sociais e de poder na sociedade.

Tal asseveração remete à ideia de que o conhecimento concebido como autêntico está disponibilizado nas escolas por meio do livro didático, como determinador do currículo. Segundo Apple “enquanto os textos dominarem os currículos, ignorá-los como não sendo dignos de uma séria atenção ou de uma luta política é viver em um mundo divorciado da realidade” (APPLE, 1995, p.101).

### **3. Caracterização do livro didático: concepção dos alunos**

Com base nos dados coletados a partir do questionário aplicado a 100 alunos, da rede de ensino municipal de Olinda/PE, que foram inquiridos nas escolas investigadas, constatou-se que 77% dos alunos consideram que o livro didático é essencial para o processo de aprendizagem, 14% afirmam que o livro didático ajuda razoavelmente no aprendizado dos alunos, 8% indicam que o livro didático pouco contribui para o aprendizado dos alunos, 1% acredita que o livro didático não ajuda no processo de aprendizagem. A opção de que o livro didático não é importante foi descartada por todos os sujeitos.

Esses dados permitem a constatação de que a maioria dos sujeitos compartilham a concepção de que o livro didático é indispensável no processo de aprendizagem. Esse fato pode ser compreendido a partir do posicionamento de Libâneo (2002) ao considerar que o livro didático atua como um valioso recurso para o aluno, pois nele insere-se de modo organizado e sequenciado o conteúdo da disciplina supostamente correto.

A supervalorização do livro didático como fator determinante para o aprendizado pode também ser analisada ideologicamente a partir da concepção gramsciana na ótica de Cerqueira Filho (1989, p.18):

A ideologia é definida como uma concepção de mundo, presente em todas as manifestações coletivas, que responde a problemas concretos originais em sua atualidade e bem determinados pela realidade de um todo. Através de uma dada ideologia, os homens pertencem sempre a um determinado grupo social, precisamente àquele onde um mesmo modo de pensar e agir pode ser compartilhado

Nesse particular, observa-se a concepção ideológica de grande parte dos alunos sobre o livro didático, como um instrumento de ensino que tem atendido às demandas educacionais e de ensino. Isso remete ao entendimento de que, para os alunos, a questão da aprendizagem está subordinada ao uso do livro didático na sala de aula.

No que se diz respeito à frequência do uso do livro didático na sala de aula, os respectivos dados sinalizaram que 63% dos sujeitos envolvidos na investigação afirmaram utilizar o livro didático de 4 a 5 vezes por semana, 16% admitiram usar o livro didático 3 vezes por semana, 11% assinalaram que utilizam o livro didático 2 vezes por semana, 5% responderam que utilizam uma vez por semana e 5% pontuaram que não utilizam o livro didático nenhuma vez por semana.

Ao verificar esses dados e considerando que a semana de aula tem 5 dias, pode-se perceber que o livro didático, enquanto instrumento de ensino, é utilizado no mínimo 3 ao máximo de 5 vezes na semana por 79% dos investigados. Esse percentual significativo reflete a presença e o uso constante do livro didático no cotidiano escolar.

Essa constatação é referenciada por Gatti Júnior (2004) quando afirma que embora no Brasil não existam dados precisos sobre o tempo gasto com o livro didático, estima-se que o país alcança um nível próximo ou maior em relação aos dados apresentados nos Estados Unidos. Estudos apresentados nos Estados Unidos indicam que cerca de 75% do tempo utilizado em sala de aula é destinado ao trabalho com livros didáticos. Conforme o exposto constata-se que o livro didático assume um papel fundamental no cenário educacional e internacional.

Sobre a frequência de uso do livro didático na opinião dos estudantes averiguou-se que

76% dos alunos, consideraram que o livro didático deveria ser utilizado todos os dias da semana, 17% afirmam que o livro didático deveria ser utilizado de 3 a 4 vezes por semana, 3% acreditam que o livro deveria ser utilizado duas vezes por semana, 4% informaram que o livro didático não deveria ser utilizado nenhuma vez por semana e nenhum dos entrevistados opinou ser favorável a utilização do livro didático uma vez por semana.

Os dados em questão expressam que o livro didático além de ter uma presença marcante no cotidiano escolar indica que para os alunos esse instrumento didático é bastante valorizado com relação à inserção de seu uso na sala de aula.

Encontram-se evidências a esse respeito a partir das considerações apresentadas por Libâneo (2002, p.127).

O livro pode ser a forma pela qual se dá o primeiro contato das pessoas com a cultura elaborada. Inclusive, muitos professores e alunos consideram o livro didático como uma bíblia, há uma ideia de que tudo o que está escrito é verdade. Hoje em dia, quando queremos dar peso de verdade a uma informação, a gente diz: deu na televisão. Da mesma forma é tratado o livro: está escrito, é verdade. Mas sabemos que as coisas não são bem assim.

Pode-se compreender, nesse modelo que se apresenta, a relação de dependência estabelecida pelo aluno com relação ao livro didático no cenário escolar como veículo legítimo de conhecimentos e de verdades supostamente absolutas.

Com relação aos conteúdos abordados no livro didático com o universo sócio-cultural dos alunos, percebeu-se que 55% dos alunos afirmaram que o livro não retrata realidade de seu estado, cidade e comunidade local, 12% assinalaram, nunca identifiquei, mas também não acho importante estudar a nossa cultura. Os demais dados estão distribuídos com os mesmos percentuais de 11%, cujos sujeitos opinaram que: sim, poucas vezes; não, mas já identifiquei questões parecidas; nunca observei.

A partir dos dados apresentados constata-se a discrepância com relação aos conteúdos elencados no livro didático com as realidades de vida dos alunos.

Para entender essa questão resgatam-se as contribuições da estudiosa Freitag (1989, p.116), para a autora:

A maior parte dos estudos sobre a ideologia do livro didático revelou que os conteúdos dos livros estão desvinculados da realidade das crianças. Muitas vezes eles procuram disfarçar, omitir ou distorcer os problemas e as contradições sociais em que se encontram certas classes sociais e minorias às quais pertence grande parte das crianças, como é o caso das crianças carentes (FREITAG, 1989, p.116).

É interessante observar que os 12% dos sujeitos que assinalaram, *nunca identifiquei, mas também não acho importante estudar a nossa cultura*, demonstraram desvalorizar a própria

cultura, talvez em detrimento de uma cultura supostamente superior na sua concepção.

Esse dado pode ser interpretado na perspectiva de Lowy (2010, p.11) a partir da Ideologia Alemã que explica “o conceito de ideologia aparece como equivalente à ilusão, falsa consciência, concepção idealista na qual a realidade é invertida e as ideias aparecem como motor da vida real”. Mas a ideologia que constitui o olhar dos estudantes, também alcança os docentes, uma vez que é impossível ao sujeito estar fora da ideologia.

#### **4. Ideologia percebida dos professores acerca do livro didático**

Marisa Lajolo (1996) afirma que para a maioria dos professores o livro didático exerce um papel relevante em relação ao processo de ensino e aprendizagem nas escolas brasileiras, principalmente no que se diz respeito aos estabelecimentos da rede pública de ensino. Essa situação pode ser confirmada a partir dos relatos<sup>3</sup> que seguem sobre o papel do livro didático no ensino brasileiro:

*Ele tem um papel muito importante... o livro didático é um... deixa eu ver aqui... ((pensativo)) é: um auxílio né... ele complementa o processo de ensino... ele complementa [...] (P1<sup>4</sup>)*

*É Fundamental... o livro didático é assim... serve para nortear né... para direcionar né... é as atividades... o livro didático é um facilitador[...] (P2<sup>5</sup>)*

*[...] eu acredito que o livro didático traz uma contribuição marcante na vida escolar dos alunos (P3<sup>6</sup>)*

*O livro didático tem um papel importante... no livro didático está sendo sistematizado né: as aprendizagens dos alunos... dos conteúdos... as atividades para que o professor possa desenvolver junto com os seus alunos (C<sup>7</sup>)*

Na concepção dos entrevistados - Professor1 (P1), Professor2 (P2) e Coordenador (C) - o livro didático é concebido como um instrumento didático muito importante no cotidiano escolar. Para o professor 3 (P3), o livro didático traz uma contribuição marcante à vida escolar dos alunos. Constata-se a partir da análise das narrativas que o livro didático no cenário escolar assume diversos papéis que se relacionam, quais sejam: como um auxílio, como um norteador para direcionar as atividades e como um sistematizador de atividades e de conteúdos a serem desenvolvidos pelos professores junto aos alunos.

---

<sup>3</sup> Dados coletados a partir da entrevista semi-estruturada aplicada aos professores nas escolas investigadas.

<sup>4</sup> Professor 1

<sup>5</sup> Professor 2

<sup>6</sup> Professor 3

<sup>7</sup> Coordenador

Com relação ao uso e centralidade do livro didático no cotidiano escolar, percebe-se que o livro didático também está presente no planejamento de aulas a serem administradas pelos professores conforme se constata nas falas dos entrevistados:

*Eu utilizo o livro didático para planejar as aulas... de certa forma norteia... não é o único recurso que utilizo né... ele serve para direcionar as atividades e os alunos recebem também né... eu acho que a gente tem que aproveitar o livro didático... eu não posso desperdiçar essa oportunidade (P2)*

*Eu uso o livro didático sim... eu uso porque ele serve como base... ele serve como base do meu trabalho... esse livro agora desse ano de 2011... ele serve como base... ele veio com... português... matemática e: mesmo que não seja direcionado para o público ... mas ele é bom. (P1)*

*Sim... utilizo até porque foi fruto de escolha nossa... então... a gente deve também contemplar e valorizar aquilo que escolhemos (P3)*

Cabe analisar que novamente o livro didático é mencionado como norte e base para o trabalho pedagógico conforme as citações do P1 e P2. A partir da fala do P1, observa-se que o entrevistado afirma que o livro didático não é direcionado para o público e mesmo assim na sua avaliação afirma que o livro é bom. O P3, além de afirmar que utiliza o livro didático no planejamento de aulas, justifica o porquê do seu uso, especificando que o livro didático utilizado foi escolhido pelos professores e por esta razão precisa ser utilizado para valorizar a escolha.

Esse cenário corrobora com a perspectiva de Choppin (2004) ao considerar que os livros escolares são “utilitários na sala de aula”, tendo a finalidade de orientar o ensino de uma determinada disciplina, a partir da exposição geral dos conteúdos, ordenados em unidades ou lições que propiciam o seu uso desde o individual ao coletivo.

Conforme os relatos dos entrevistados, verifica-se que os conteúdos elencados no livro didático não contemplam o universo social e cultural dos alunos na ótica da maioria dos entrevistados:

*Não... não são tratados... e essa parte aí que eu sinto de falta de uma matéria ou que... ( ) eles estejam interligados é... direcionados ao município a realidade do aluno(P1)*

*[...] o livro que escolhemos é um livro muito bom [...] ele se aproxima bastante da... do nosso aluno [...] são tratadas no livro didático de forma superficial.. mas já teve em alguns momentos né... a professora que trabalha a disciplina de Estudos Sociais... que abrange isso aí... ela tem trabalhado bastante e vem sempre buscando alguma coisa em cima do próprio livro didático... ela faz uma complementação pra melhorar isso aí (P3)*

*Não... porque por exemplo na questão ambiental nos trabalhamos com a questão da imagem né... então pra identificar de onde... é... aqueles lugares que tinham poluição então tinha imagem do nordeste... não é? então... eu acho que de certa forma ele tenta inserir né... é... o contexto do aluno (P2)*

*Ainda não né... até porque o livro didático... ele não é feito... é:: exatamente para as pessoas que vivem né a Educação de Jovens e Adultos no município... o livro didático já vem né de fora... escritos por outros escritores... que não vivem a realidade local [...] geralmente os livros vem de fora mais do sudeste e sul (C)*

O entrevistado P1 admite que o livro didático não é direcionado para o público, ou seja, para o alunado da EJA; e enfatiza que sente essa lacuna. Observa-se que o P3 enfatiza que o livro didático contextualiza as questões sociais e culturais de modo superficial.

Nessa perspectiva, Freitag (2002) sinaliza que “os professores chegam a perceber a desvinculação da disciplina com a realidade objetiva, porém, pelo tipo de formação que receberam, não conseguem articular essa dificuldade diretamente com o conteúdo que transmitem (FREITAG, 1989, p. 108)”.

### **Considerações finais**

No documento Proposta Curricular do Ministério da Educação para a Educação de Jovens e Adultos, consta que entre os diferentes recursos, o livro didático é um dos materiais que mais influenciam na prática de ensino do Brasil (Brasil, 2002).

Efetivamente, na realidade em que se apresenta, o livro didático ocupa um espaço marcante no contexto escolar, através de seu uso sistemático na sala de aula. Na perspectiva de alunos e professores, é unânime a compreensão de que o livro didático se trata de um recurso pedagógico indispensável para o processo de ensino e aprendizagem. Também é consensual para alunos e professores a percepção de que o livro didático não contempla a realidade social e cultural dos alunos. Mesmo assim, como se pode verificar, o livro é muito valorizado no meio escolar, confrontando as perspectivas teóricas de alguns teóricos como Freire (2010) e Libâneo (2002) que defendem a proposição de que os conteúdos abordados no livro didático precisam ter relação com as experiências de vida dos alunos. Tal aproximação permite aos alunos, segundo esses autores, o desafio de se colocar cientificamente a partir dos problemas cotidianos na sua realidade social e cultural.

Constata-se a partir das concepções de alunos e professores a ausência de um posicionamento crítico sobre o livro didático que possa de modo significativo justificar a presença tão onipotente desse recurso didático no cotidiano escolar. Para Freitag (1989) a ausência de criticidade por parte os professores os submetem ao conteúdo psicopedagógico e ideológico do livro didático, que conseqüentemente são repassados também para os alunos. Nas palavras de Chauí a ideologia a ideologia é um conjunto lógico, organizado que corresponde a regras, valores que induzem os membros da sociedade ao que se deve pensar e valorizar.

Nesse contexto, cabe afirmar que o livro didático não tem sido apreendido como um dos diversos recursos didáticos disponíveis na escola, mas como “o recurso didático” que tem sido a direção do professor no desenvolvimento da atividade pedagógica do magistério, na

maioria das vezes sem questioná-lo, cuja dependência é direcionada para o aluno que submerge ao discurso aceitando-o passivamente. Portanto, nessa discussão não se pode ignorar a influência ideológica que permeia a sociedade e, por consequência, a escola.

## REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L (1970). Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado. Lisboa: Presença.
- APPLE, M. W (1995). Cultura e Comércio do livro didático. In: APPLE, M. W. Trabalho docente e textos: economia política das relações de classe e de gênero em educação. Porto Alegre: Artes Médicas.
- \_\_\_\_\_ (1997). Os professores e o currículo: abordagens sociológica. Lisboa: Educa.
- \_\_\_\_\_ (1999). A política do conhecimento oficial: faz sentido a ideia de um currículo nacional? In: MOREIRA, A.F. B.; SILVA, T.T.. (Orgs). Currículo, cultura e sociedade. São Paulo: Cortez.
- \_\_\_\_\_ (2006). Ideologia e Currículo. 3. ed. Porto Alegre: Artmed.
- BITTENCOURT, C. M. F (2004). Livros didáticos entre textos e imagens. In: O saber histórico em sala de aula. São Paulo.
- \_\_\_\_\_ (2005). Ensino de História: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez.
- \_\_\_\_\_ (1997). Considerações sobre a política da União para a educação de jovens e adultos analfabetos. Revista Brasileira de Educação, n.4.,jan./abr., p.26-34.
- BRASIL (2001). Presidência da República. Lei n. 10.172, de 9 de janeiro de 2001. Aprova o Plano Nacional de Educação e da outras providências. Brasília, 9 de janeiro de 2001.
- \_\_\_\_\_ (2002). Secretaria de Educação Fundamental. Proposta Curricular para a educação de jovens e adultos: segundo segmento do ensino fundamental: 5ª a 8ª série: introdução. Secretaria de Educação fundamental.
- CERQUEIRA FILHO, G (1988). Análise da ideologia. São Paulo: EPU.
- CHAUÍ, M. S (2003). O que é ideologia. São Paulo: Brasiliense.
- CHOPPIN, A (1993). Histoire de l'education. n. 58 (numéro spécial). Manuel scolaires. États et sociétés. XIXe-XXe siècles. INRP.
- ECO, U.; BONAZZI, M (1980). Mentiras que parecem verdades. São Paulo: Summus.
- FARIA, A. L. G (1994). Ideologia no livro didático. 11. ed. São Paulo: Cortez.
- FREITAG, B.; MOTA, V. R.; COSTA, V.F. **O livro didático em questão**. São Paulo: Cortez, 1989.
- LAJOLO, M (1996). Livro Didático: um (quase) manual do usuário. Em Aberto, Brasília, ano 16, n.69, jan./mar..
- LIBÂNEO, J. C (2002). Didática: velhos e novos temas. Goiânia: Edição do Autor.
- MARX, K.; ENGELS, F (1989). A Ideologia Alemã. São Paulo: HUCITEC.
- \_\_\_\_\_ (1996). Uma Contribuição Para a Crítica da Economia Política. São Paulo: Nova Cultural Ltda.
- MESZÁROS, István (2004). O Poder da Ideologia. São Paulo: Boitempo.
- MOLINA, O (1987). Quem engana quem: professor x livro didático. Campinas: Papirus.
- VÓVIO, C. L (2007). Entre discursos: sentidos, práticas e identidades leitoras de alfabetização de jovens e adultos. 2007. Tese (Doutorado em Linguagem), Universidade Estadual de Campinas.